

Teoria do Conhecimento I – módulo 28

No módulo 27, verificamos que, tratando-se de mudança na capacidade intelectual, o advento do homem a partir do hominídeo não pode ser considerado um fato discreto, uma transição direta entre dois estados simultâneos e contíguos, mas, sim, um processo gradual que exige tempo, uma vez que envolve um aprendizado sabidamente paulatino e cumulativo.

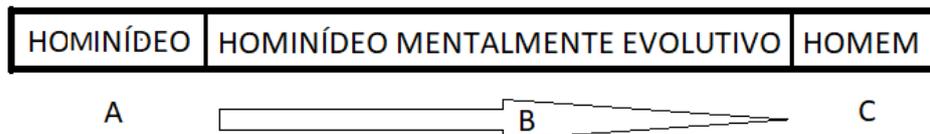


Figura TC 07: A passagem de hominídeo a homem.

Retomemos a figura e as questões a respeito do que tipifica cada um dos três estágios do processo e a respeito do que define as fronteiras entre eles. A Teoria do Conhecimento de que nos valem define tanto o caminho da complexidade da realidade objetiva como o caminho da complexidade da realidade subjetiva. No âmbito da instância subjetiva, distingue cinco padrões lógicos e cinco padrões de pensamento – S1, S2, S3, S4 e S5 – que, correspondendo aos cinco modos cumulativos de ser que edificam a existência, constituem modos de pensar que são também crescentemente complexos. Ora, lógicas e modos de pensar crescentemente complexos definem também uma sequência de crescente dificuldade lógica e operacional, a desafiar o homem no esforço de domínio da racionalidade. Acrescentando esses padrões à figura, obtemos uma visão integrada do que está em jogo.

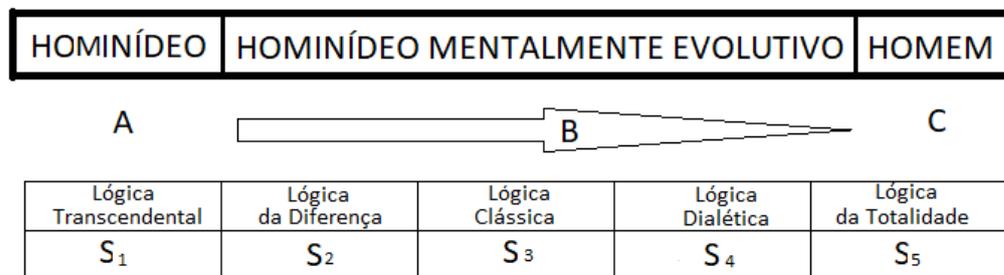


Figura TC 08: Formação humana e complexidade lógica.

Conforme foi explicitado no módulo 21, os padrões de pensamento S1, S2, S3, S4 e S5 são especializados, na visão de certos aspectos da realidade, operam segundo a lógica que lhe corresponde e são cumulativos, tal como os aspectos da realidade observada. O pensamento transcendental (S1) permite perceber presenças, o pensamento da diferença (S2) permite perceber as diferenças presentes no percebido, o pensamento sistêmico (S3) permite perceber as relações de causalidade presentes nas interações de matéria com matéria, o pensamento dialético (S4) permite perceber o processo histórico e as transformações que se operam no tempo, e o pensamento da totalidade (S5) permite pensar o todo e a complementaridade das coisas que se situam para além das partes. São com essas percepções que homens e animais orientam-se e conduzem-se na vida e no mundo.

Naturalmente, existem diferenças entre as percepções dos animais e as percepções humanas, e o conhecimento científico a respeito delas ainda é muito deficitário, não permitindo clara e completa caracterização das diferenças. Apesar disso, algumas coisas são observáveis. Os animais sabidamente percebem presenças, o que é prerrogativa do padrão S1 de pensar, pois não os vemos esbarrando nas coisas e nos obstáculos. Os animais também sabem diferenciar, o que é prerrogativa do padrão S2, uma vez que sabem quando é o caso de se por a salvo. O uso de matérias diversas na construção de ninhos, taipas e armadilhas indica que, ao menos, certos animais também se utilizam de recursos materiais para satisfazer necessidades, o que indica algum modo de uso do padrão perceptivo S3.

Finalmente, sabemos que os animais também se deslocam pelo terreno para a caça, em procedimentos tipicamente S4, que podem dar certo ou não. Não se trata obviamente de defender que os animais pensem, no mesmo sentido que entendemos o ato humano de pensar, mas parece claro que, de algum modo, eles operam, em alguma medida, os quatro padrões lógicos citados, embora configurem operações perceptivas crescentemente complexas.

No nível S4, surge um pensamento privativo dos humanos quando estes resolvem, por livre arbítrio, organizar cidades e viver em comunidade, algo aparentemente fora do alcance dos animais. A decisão consciente de viver em comunidade decorre do livre arbítrio e das grandes vantagens da divisão do trabalho que torna muito mais fácil a obtenção dos recursos de sobrevivência e amplia as possibilidades de bem-estar. Naturalmente, a vida em grupo também possui razões inconscientes ou menos conscientes, de padrão instintivo impresso na própria natureza humana. Essas razões instintivas estão, porém, também presentes nos animais e, em alguns casos, envolvendo complexas relações de interdependência e divisão do trabalho, como os casos bem conhecidos das abelhas e das formigas. Nesse sentido, talvez seja conveniente dividir as percepções S4 e destacar percepções dialéticas (S4+) possibilitadas ou amparadas por livre arbítrio.

Assim, na perspectiva de crescente complexidade operativa, o modelo dimensional sugere que a percepção animal se estende de S1 a S4 e que a percepção privativa dos humanos inicia-se com o advento do livre arbítrio em S4 e estende-se de S4+ até S5. As dificuldades cognitivas resultam, porém, não apenas da necessidade de operar lógicas crescentemente complexas, mas também do domínio de todo o espaço inferencial próprio de cada lógica. Em S1, por exemplo, perceber a presença de um outro admite momento mais complexo de perceber tanto o outro como a si mesmo: ter consciência do outro e consciência de si, destacando-se do outro. Um terceiro estágio vai além, implicando não apenas ter consciência do outro e de si mesmo, mas também dar-se conta disso, isto é, não apenas ter consciência do outro, mas também ter consciência de que se tem consciência do outro. Esta terceira operação, designada também de operação de autoconsciência, conclui o destaque e o afastamento do sujeito pensante da natureza, afastamento que foi iniciado na segunda operação com a percepção do outro e de si mesmo. No primeiro estágio, o homem virtualmente confundia-se com a natureza e não conseguia destacar-se dela.

Pensamos que essa terceira operação de autoconsciência é que separa o homínideo – estágio A da figura – do homínideo mentalmente evolutivo – estágio B da figura –, e permite iniciar o processo de desenvolvimento da racionalidade: apenas a consciência de si como capacidade pensante é que possibilita apreender conscientemente. É, nesse ponto, segundo entendemos, que ocorre o despertar da consciência como capacidade intelectual e de discernimento. É, nesse ponto, que se inicia a aventura mental da espécie humana.

Continuemos no próximo módulo.